ESTUDO DA UM REVELA QUE RAEM ESTÁ "CIENTE" DA UNIÃO EUROPEIA MAS VÊ-A DISTANTE

É preciso mostrar a UE como "actor político"

Imprensa, elites e opinião pública da RAEM, todos sabem desenhar os contornos da União Europeia, mas pintam o papel político dos 27 com cores pouco garridas. Às vezes o território vê distante a herança que Jean Monnet ajudou a fundar. As conclusões são de um estudo da UM, integrado num projecto que visa saber como a Ásia percepciona a União. Face aos resultados, a Chefe do Gabinete da Comissão Europeia para as RAE´s salientou a importância de se trabalhar para reforçar em Macau a imagem da UE "como actor político"

FÁTIMA ALMEIDA

E ponto assente. A União Europeia é "visível" em Macau, mas quando se fala no seu papel político, a imagem que o território constrói dos 27 é mais "fraca". As conclusões de um estudo, de investigadoras da Universidade de Macau, que analisa a percepção que a RAEM tem da EU, revelam que 87 por cento dos 45 membros de "elites" questionados "acredita que [a UE] é uma grande potência", mas "não o poder", sendo que a China/Ásia, EUA e Rússia aparecem no horizonte dos inquiridos para partilhar "este palco de poderio".

Na óptica de 30 por cento, a União "não é [considerada] um líder político", e quando é mencionada como tal, aparece como um "líder fraco", por causa "da sua divisão interna", referiu Wu Xia que levou a cabo com Joana Vieira o estudo "EU-Asian Relations: Perceptions of the EU, a view from Macau", apresentado na sexta-feira no âmbito de um dos seminários Jean Monnet. Na concepção daquele grupo a UE tem uma dimensão maior no que diz respeito à economia.

Face aos resultados, a chefe do Gabinete da Comissão Europeia para Hong Kong e Macau, Maria Castillo Fernandez salientou a importância de encontrar mecanismos que reforcem a imagem da UE como motor político deste lado do mundo. "Não nos estamos vender bem como animal político", considerou, sublinhando que a UE está "envolvida na Ásia, em muitos conflitos mas não é notada dessa maneira". Por isso "há muito a fazer e nós estamos atentos a isso para que nós preservarmos como um maior poder político", vincou.

Maria Castillo Fernandez reforçou a importância de marcar presença no território, considerando Macau "um parceiro muito importante para a UE", uma vez que possui características especiais ao manter raízes portuguesas ao mesmo tempo que está integrado na China. Uma plataforma para as relações entre a União e o Continente, bem patente durante a visita do primeiro-ministro chinês Wen Jiabao, recordou a responsável.

No grupo "Elites", que constitui uma das três vertentes de análise, conclui-se, precisamente, que no capítulo das relações entre Macau e a UE, é mencionada uma ligação a Portugal e ao passado. No entanto, actualmente sentem Macau mais perto da China do que dos laços europeus. No lote de assuntos relativos à UE com impacto no território, a cultura, os negócios e as questões ambientais são os que aparecem mais nas palavras das 45 elites (13 políticos, 10 empresários, 12 da sociedade civil e 10 media, os quais não tem uma relação profissional com a UE).

No geral, os inquiridos daquele grupo consideraram também que o Gabinete da UE para RAE´s "não é visível o suficiente" e "está mais próximo de Hong Kong". No entanto, a responsável daquele organismo mencionou que pelos dados, se encontra um maior interesse pela UE em Macau, facto que assenta também nas ligações do território com o espaço lusitano.

Olhando para o futuro, este aparece risonho, com o grupo Elites a mostra-se optimista quanto à importância que a União terá no território, consideram que o peso dos 27 aumentará neste lado do mundo. Também o grupo da opinião pública, constituído por 400 inquiridos, revela uma nota positiva para os tempos que se avizinham aumentando o índice de importância à herança que Jean Monnet ajudou a fundar no pós-guerra. Neste grupo, 53 por centos dos inquiridos também considera "estável" o processo de relações entre UE e Macau.

O estudo realizado mostra ainda outros pontos que surpreendem pela positiva quando comparados os dados da RAEM com outras zonas da Ásia, onde o este projecto que 'mede' percepções foi realizado. Em Macau, ainda que, como ficou patente as raízes políticas da UE não sejam a página principal do catálogo de ideias tidas sobre a União, a imagem que primeiro raia os imaginários da opinião pública e das elites é "a unificação da UE" e também os seus "valores" e não a moeda "Euro" como aconteceu em regiões vizinhas.

Já no domínio da imprensa analisada (Macau Times, Macau Daily, Hong Kong Economic Journal e estação TDM) foram contabilizadas um total de 1056 notícias, sendo que 15 por cento são centradas na União Europeia, percentagem "alta" quando comparada com outras, consideraram as investigadoras. No entanto, 73 por cento das notícias divulgadas entre Junho e Dezembro do ano passado, apenas faz referência à UE.

Comentado os resultados do estudo o director dos canais em língua portuguesa da TDM, João Francisco Pinto, salientou que não basta estar "na imprensa ocasionalmente" para que as pessoas saibam o que se passa na União Europeia, pelo que reiterou que as entidades responsáveis devem fornecer mais informações à comunicação social, chegando também a quem toma decisões no que diz respeito à agenda. "Não devem apenas falar à imprensa quando é possível, mas falar também aos editores", referiu João Francisco Pinto. Para o economista, "do ponto de vista geral" os resultados não foram uma surpresa, nomeadamente no que diz respeito ao facto da UE ter mais exposição em Macau do que em outras regiões da Ásia, uma vez que "os territórios mais pequenos tendem a olhar" além fronteiras, referiu.

Por sua vez, Paulo Canelas de Castro, orientador do estudo na cadeira Jean Monnet da UM, em jeito de conclusão, salientou que a UE é vista "como uma parceira estável". No que diz respeito à percepção da UE como um vector "menos importante" do ponto de vista político" referiu que é necessário avaliar se a esta imagem muda depois do Tratado de Lisboa ganhar raízes efectivas.

A ideia de conhecer a percepção da Ásia face à União Europeia começou em 2002 recordou Martin Holland, director do Centro Nacional de Investigação da Europa da Universidade de Canterbury, Nova Zelândia, que iniciou este projecto com Natalia Chaban. O trabalho em curso está agora a apostar em abrir o seu leque às percepções de países africanos e também à Rússia.

UE e RAEM vão lançar novo programa de intercâmbio académico

Defendendo a necessidade de trazer para mais perto do olhar do território o papel político da União Europeia, Maria Castillo Fernandez salientou a importância de se investir no intercâmbio com a União Europeia no que diz respeito ao sector do ensino. "A educação é dos aspectos que tenho tentado aprofundar, porque nos pode dar visibilidade", referiu a chefe de gabinete da Comissão Europeia para Hong Kong e Macau, reiterando que com a realização Erasmus nos 27 países membros da União é possível ajudar a reforçar a sua imagem neste lado mundo. Neste sentido, Maria Castillo Fernandez avançou que no próximo ano será lançado um programa entre a União Europeia e Macau, que visa levar quer alunos, quer investigadores das instituições de ensino locais a travarem conhecimentos, a estudar ou desenvolverem projectos em universidades europeias. O programa pretende aumentar a troca de experiência entre académicos e estudantes universitários tendo em vista ao incremento "do entendimento e visibilidade mútuos", salientou a responsável. Para que tragam a sua experiência da União Europeia até às malhas do Oriente.